

## **Henri Caffarel, prophète pour notre temps** **Colloque International – 8 & 9 Décembre 2017**

### **O PADRE CAFFAREL, UM HOMEM DE FÉ**

**Padre Paul-Dominique Marcovits, o.p.**

São poucas as fotografias do Padre Caffarel de que dispomos. Há uma que ilustra um marcador em cuja parte de trás se encontra a oração para pedir a sua canonização. Esta fotografia é magnífica. O padre Caffarel está de batina preta. Mal se distingue a capa de cerimónia. Tem o rosto ligeiramente voltado para a esquerda para olhar para alguém que se encontra um pouco mais acima dele e que não vemos na imagem: o Papa João XXIII. O que é deslumbrante é a luz que vem do padre Caffarel: o seu rosto brilha, ele tem um grande sorriso e seus olhos brilham de alegria. As mãos parecem esconder humildemente um rolo de papel, provavelmente o texto do seu discurso ao bom papa. Ele está tenso de felicidade. Nada austero. Estar com o papa em São Pedro, ser acompanhado por mais de mil membros das Equipas de Nossa Senhora, é certamente um dia maravilhoso... No entanto, essa alegria é apenas a superfície de uma alegria muito profunda que o habita sempre. O que brota do Padre Caffarel é o fundo do seu coração, a sua fé, o seu total apego a Cristo e à sua Igreja que o Papa representa. A fé do padre Caffarel está expressada nesta imagem. Talvez ele tenha a mesma atitude no céu: o rosto levantado para o Senhor, alegremente, escuta o que o Salvador lhe diz de nós. Digo “alegremente” porque, vamos ver, tudo respira optimismo nas suas palavras sobre o matrimónio, sobre a viuvez, e com que alegria ele acolhia as pessoas que faziam retiro em Troussures para uma semana de oração: abria os braços e dizia: «*O Senhor espera-vos!*».

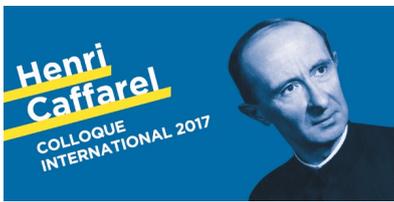
O Padre Caffarel, um homem de fé.

Em primeiro lugar, vamos olhar para o ambiente crente em que nasceu o jovem Henri Caffarel e veremos como a sua fé cresceu, como o seu apego ao Senhor se fortaleceu. A seguir, comentaremos o relato da sua vocação. Aí, em embrião, está toda a sua personalidade espiritual. E, por fim, veremos como o Senhor estava no centro de todas as suas fundações: ele foi um profeta.

#### **I. A fé do jovem Caffarel**

##### **1. Uma família cristã**

Se a fé é um dom de Deus a uma pessoa, a fé também encarna num ambiente humano, num contexto social. O Padre Caffarel nasceu em Lyon, em 1903, numa família crente, aberta aos problemas da Igreja e da sociedade. No nosso primeiro colóquio em le Collège des Bernardins, em Dezembro de 2010, Michel Dealberti, filho de uma prima direita do Padre Caffarel, destacou a riqueza cultural, social e religiosa das famílias Caffarel, Voisin, Venard, Thomasset, que estavam associadas à vida de Lyon — Universidade, Fourvière, obras de caridade — e associadas também a todos os meandros da Igreja de França. Note-se que, além do Padre Henri Caffarel, as famílias Voisin e Venard deram muitos sacerdotes, religiosos e religiosas à geração do próprio Padre Caffarel, às gerações anteriores e às que se seguiram. Henri Caffarel faz, pois, parte de um ambiente culto, aberto e generoso. Cito Michel Dealberti: «*Henri Caffarel esteve desde tenra idade imerso numa família de efervescência cultural e religiosa extremamente importante,*



## Henri Caffarel, prophète pour notre temps Colloque International – 8 & 9 Décembre 2017

*onde se cruzam todas as correntes da Igreja Católica do século XX, num ambiente em que fé e a caridade não são palavra vãs»<sup>1</sup>.*

Recordo esta intervenção do nosso primeiro colóquio para vos dizer que a fé do Padre Caffarel não surgiu nele como por geração espontânea, de repente com a súbita decisão de Deus! O Padre Caffarel também não experimentou uma “conversão” extraordinária. Não é Claudel que ele admirava tanto. Não, tudo começou e cresceu com a graça de seu baptismo.

### 2. Um estudante cristão

Enquanto aluno do liceu, participa, na paróquia de Saint-Jean de Lyon, em círculos de estudo e também na Associação da Juventude Católica. Quando termina o curso liceal, o jovem Caffarel entrou na Faculdade de Direito de Lyon e frequentou a Casa dos Estudantes Católicos. A sua fé amadureceu, portanto, durante a juventude. Eis um relato esclarecedor do caminho da sua fé. *«Eu era estudante. Éramos um pequeno grupo de quatro ou cinco estudantes e connosco estava muitas vezes um padre muito jovem, pouco mais velho do que nós. Encontrávamo-nos com bastante frequência para meditar o Evangelho. Sentíamos uma grande alegria em procurar Cristo, o seu rosto, em tentar descobrir a sua mensagem nos Evangelhos. [...] Um dia, lemos já não sei que página do Evangelho e havia em nós alegria, entusiasmo em descobrir aquele rosto de Cristo do qual nunca percebemos completamente todas as riquezas. E um de nós, dirigindo-se ao jovem padre, disse: “Mas isso não parece ser possível hoje”. Na verdade, ele não era habitualmente o mais entusiasta, tinha um ar sério, distante. [...] Então disse-nos uma palavra que nos desconcertou: “Quando quiserem saber qual é a qualidade do vosso amor a Cristo, interroguem-se primeiro sobre o vosso amor à Igreja”»<sup>2</sup>.*

O Padre Caffarel repetiu muitas vezes esta palavra do jovem padre sobre Cristo e a Igreja, a ponto de lhe ser habitualmente atribuída.

A união a Cristo esteve presente no coração do Padre Caffarel desde a juventude. União que a leitura do Evangelho alimenta, que os ensinamentos da Igreja fortalecem, que a fidelidade da sua família sustenta e que a fraternidade com outros estudantes desperta. Mas se já está unido a Cristo, Henri Caffarel abre-se também à Igreja graças, em particular, à palavra daquele jovem padre que, provavelmente, devia ter algumas dificuldades com ela mas que lhe era fiel graças a Cristo. Aqui temos, em embrião, o que será a fé do Padre Caffarel em Cristo e na sua Igreja, inseparavelmente. Aqui está já o que dá ao Padre Caffarel o seu equilíbrio cristão.

### 3. Uma primeira ideia do sacerdócio

Feliz união a Cristo e à sua Igreja. No fundo deste quadro que acabei de fazer, é preciso também ter em conta um retiro feito no Colégio dos Maristas de Lyon *«que suscitou nele a primeira ideia do sacerdócio»<sup>3</sup>*. Tinha ele dezoito anos. O Senhor vai rapidamente clarificar a sua presença, vai-se-lhe manifestar a uma luz particular e isso será decisivo para toda a vida. Isto é o que nos mostram os relatos da sua vocação que o Padre Caffarel nos dá e que vamos ouvir.

Outra observação. Parece que foi a leitura de um livro que um dos seus companheiros lhe dera a ler que proporcionou a ocasião para o seu encontro com o Senhor. Ele leu os *Escritos Espirituais* da Irmã Benigna Ferrero (1885-1916), visitandina italiana. Retenhamos uma palavra do Senhor a esta religiosa — «A

<sup>1</sup> LE PÈRE CAFFAREL. *Des Équipes Notre-Dame à la Maison de prière, 1903-1996*, Actes du colloque (Paris, Collège des Bernardins, 3-4 décembre 2010), Éditions Lethielleux, 2011, p. 41.

<sup>2</sup> Henri CAFFAREL, « Qu'est-ce que l'Église ? », Conférence aux responsables régionaux des Équipes Notre-Dame, Arquivos das Equipas de Nossa Senhora, 1968.

<sup>3</sup> Jean ALLEMAND, *Henri Caffarel. Um homem cativado por Deus*, Lucerna – Equipas de Nossa Senhora, 2007, p. 17.



## Henri Caffarel, prophète pour notre temps Colloque International – 8 & 9 Décembre 2017

*confiança é a chave que abre os tesouros da minha infinita misericórdia*» — palavra que pode despertar uma vida de diálogo com o Senhor. De qualquer forma, é o amor do Senhor que vai tocar o jovem Caffarel.

### II. A vocação do Padre Caffarel

#### 1. Os dois relatos da sua vocação

Permitam-me que vos apresente os dois grandes relatos da sua vocação que o Padre Caffarel nos faz. O primeiro é o mais conhecido: o relato foi publicado em *Panorama aujourd'hui* em Julho de 1978<sup>4</sup>. Na sua brevidade, na sua precisão, na sua pureza, diz o essencial, coloca-nos diante de Deus. O segundo vem da palestra de despedida do Padre Caffarel aos responsáveis de sector das Equipas de Nossa Senhora, a 25 de Março de 1973<sup>5</sup>: um relato cujo impulso espiritual nos toca também profundamente.

Eis o primeiro relato:

*«Março de 1923. Aos vinte anos, Jesus Cristo, de repente, tornou-se Alguém para mim. Mas não foi nada de espectacular. Nesse longínquo dia de Março, fiquei a saber que era amado e que amava, e que, daí em diante, a minha relação com ele seria para toda a vida. Tudo estava jogado».*

E o segundo:

*«Na verdade, o início do Movimento remonta muito para além desses 35 anos. Ocorreu há 50 anos, porque foi um dia de Março de 1923, há exactamente 50 anos, que tomei consciência da existência de Cristo, da vida de Cristo, do amor de Cristo, da relação de amor entre Cristo e o homem em que consiste a vida cristã, e isso foi, para mim, a linha de separação das águas. Para mim, há um antes de Março de 1923 e um depois de Março de 1923. Foi algo que me marcou e, desde esse dia, tenho apenas um desejo: entrar eu próprio mais na intimidade com Cristo e levar os outros a entrarem também nessa intimidade, porque isso foi fundamental na minha vida e deu-me a alegria de viver, a graça de viver, o entusiasmo de viver. Afinal, não posso deixar de desejar aos outros esse encontro com Cristo vivo, essa descoberta de que Deus é amor».*

Estes dois relatos iluminam-se mutuamente. Têm a mesma estrutura. No primeiro, já tudo está dito: a instantaneidade do chamamento — *«de repente»* — o encontro pessoal — *«Jesus tornou-se Alguém»* — a reciprocidade do amor — *«Soube que era amado e que amava»* — e a radicalidade: *«Tudo estava jogado»*. O segundo relato, que aparentemente é mais arrebatador, repete o mesmo encontro com notas de incomparável alegria. O que nos faz dizer que o Padre Caffarel conta um acontecimento único, denso, consistente, que está sempre presente nele e que o faz sempre viver. O mesmo acontece com quem relata com respeito e alegria a sua própria vocação.

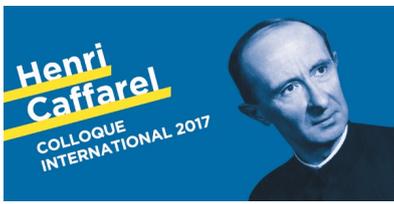
#### 2. Comentários

Alguns comentários a este dois relatos:

Como não ficarmos tocados pelo entusiasmo com que o Padre Caffarel fala do seu encontro com o Senhor? Ele, tão avaro de confidências sobre ele próprio, é tomado pelo impulso da felicidade que o Senhor lhe deu, dessa felicidade que conduziu toda a sua vida. Temos a impressão de que ele canta: *«Tomei consciência da existência de Cristo, da vida de Cristo, do amor de Cristo.....»*. E ainda rejubila: *«Foi fundamental na minha vida e deu-me a alegria de viver, a graça de viver, o entusiasmo de viver...»*. Eu nunca conheci o Padre Caffarel. Só conheço sua voz através de gravações. Mas tenho a sua voz nos meus ouvidos, creio ouvi-lo a comunicar-nos a sua fé, o seu amor a Deus. Essa voz nenhum de nós pode esquecer. No céu, reconhecê-la-emos.

<sup>4</sup> Entrevista realizada em Julho 1978 por Claude Goure, citada por Jean ALLEMAND, *op.cit.*, p. 18.

<sup>5</sup> Conferência de 25 Março 1973, Arquivos das Equipas de Nossa Senhora, citada por Jean ALLEMAND, *op.cit.*, p. 18.



## Henri Caffarel, prophète pour notre temps Colloque International – 8 & 9 Décembre 2017

Como não ficarmos tocados também pela profundidade das suas palavras? Ao entregar-se, o Padre Caffarel coloca-nos diante de uma realidade concreta e espiritual. Estamos na presença de Deus que habita o seu servo e que também nos atrai. Deus está nele. Estes relatos da sua vocação ressoam ainda como no primeiro dia. O jovem Caffarel foi tocado no coração, ali de onde brota a sua personalidade. O centro dele próprio é a sua relação com Deus. «*Soube que era amado e que amava*». Mais tarde falará do «*Eu-Tu*», que tem aqui a sua origem. O centro dele próprio não é um «*Eu*» fechado, mas um «*Eu*» aberto a Deus. É “diálogo”, diálogo constante com o seu Senhor. A sua famosa oração, «*No fundo do meu coração*», diz a sua vida espiritual e ensina a nossa.

Um «*Eu*» aberto a Deus. Há que esclarecer estas três palavras: «aberto a Deus». No número de Setembro-Dezembro de 1974 dos *Cahiers sur l'oraison*, intitulado “*Dieu, ils l'ont rencontré*”, muitas testemunhas fazem relatos impressionantes do seu encontro com o Senhor. O Padre Caffarel assinala todos os pontos comuns desses encontros e também o que é único. Mas a questão surge sempre: com quem se faz esse encontro? Deus? O Senhor? Jesus Cristo, o Salvador? Nomear a pessoa encontrada faz-se sempre de maneira precisa e mostra a especificidade do diálogo que se seguirá. Para o jovem Caffarel, é de uma precisão total: «*Jesus Cristo*». É nomeado claramente. Por que é que é assim? Mais tarde, isto tornar-se-á evidente por duas razões: o matrimónio é o sinal da aliança de Cristo com a Igreja, e a oração é o momento em que Cristo reza em nós. Temos aqui os dois grandes ensinamentos do Padre Caffarel.

O Padre Caffarel ensina... Na verdade, faz-nos o relato da sua vocação cinquenta anos depois com uma frescura nunca perdida, mas também com o distanciamento de um mestre que nunca se deve esquecer de ensinar. Com efeito, ele explica a sua vocação não como um acontecimento que diga respeito só a ele mas também a nós. Ele diz: «*Tomei consciência da existência de Cristo, da vida de Cristo, do amor de Cristo*», mas ensina que «*a vida cristã consiste na relação de amor entre Cristo e o homem*». Toda a vocação particular encarna na vocação comum do cristão. Amar a Deus, amar o próximo como a si mesmo, é o que cada cristão deve viver. Isso manifestou-se-lhe de uma maneira particular, mas é a vocação de cada um de nós.

O padre Caffarel conclui: «*Daí em diante, a minha relação com ele seria para toda a vida. Tudo estava jogado*». Radicalidade do dom. À luz disto, somos tocados por estas palavras do Padre Caffarel — ele comenta em *L'Anneau d'Or* uma passagem de *L'Echange (A troca)* de Paul Claudel: «*Nada parece mais simples do que entregar-se, no dia em que definitivamente se encontrou Jesus Cristo. Até então, conhecia-o por ter ouvido falar dele; mas agora ele sai da névoa da história, está ali diante de mim: alguém, alguém vivo. Tudo o que em mim é feito para o dom desperta e avança*». Radicalidade do dom na alegria e no amor.

Este ensinamento, que ele transmite no meio de uma declaração tão íntima sobre a sua vocação, tem o efeito de dizer imediatamente a sua missão. A sua missão é inseparável da sua vocação. «*Desde esse dia, tenho apenas um desejo: entrar eu próprio mais nessa intimidade com Cristo e levar os outros a entrarem também nessa intimidade, porque isso foi fundamental na minha vida. [...] Afinal, não posso deixar de desejar aos outros esse encontro com o Cristo vivo, essa descoberta de que Deus é amor*». Este desejo é sinal da autenticidade do seu encontro com o Senhor: sempre, quando o Senhor chama alguém a entrar mais na sua intimidade, o Senhor sempre o transforma, o envia aos outros. As Equipas de Nossa Senhora para os casais, a Fraternité Notre-Dame de la Résurrection (Fraternidade Nossa Senhora da Ressurreição) para as viúvas, as semanas de oração em Troussures, tudo encontra aqui a sua origem.

É necessário notar novamente a importante subtilidade deste relato: «*Não posso deixar de desejar aos outros esse encontro com o Cristo vivo, essa descoberta de que Deus é amor*». Esta maneira de falar descreve bem um aspecto importante do Padre Caffarel: «*Não posso deixar de desejar...*». Há, ao mesmo tempo, uma necessidade de testemunhar o seu encontro com o Senhor: «*O anúncio do Evangelho é uma*



## **Henri Caffarel, prophète pour notre temps**

### **Colloque International – 8 & 9 Décembre 2017**

*obrigação que me foi imposta*», diz São Paulo (1 Cor 9,16). Necessidade que vem de Deus. Mas o Padre Caffarel sugere ainda isto: «*Não posso deixar de desejar*». Ele deseja! Não impõe nada. Respeita todos. Todos os testemunhos confirmam este aspecto do Padre Caffarel. Ele não é um guru que se imponha às suas tropas. É apenas o servo que gostaria de conduzir os outros a Deus porque esse amor de Deus é a sua vida! Por amor por nós, ele deseja que encontremos o Deus de amor.

Mais uma vez! O Padre Caffarel é um homem muito reservado, muito secreto sobre ele próprio... Sim! Mas também é de justiça dizer que ele nos dá o mais precioso de si próprio: o amor de Deus. Marie d'Amonville que, com Louis, o seu marido, trabalhou muitos anos com o Padre Caffarel, diz: «Ele deu-nos Deus».

### **3. Só Deus, fonte da vida**

Haveria que falar aqui sobre a influência desta vocação no seu ensino sobre o matrimónio, sobre a viuvez, sobre a oração. Outros o farão.

Gostaria, no entanto, de vos ler simplesmente essas linhas tão características da experiência e do ensino. Deus no centro de toda a vida humana, em todo o seu desenvolvimento, na sua duração, na sua profundidade. Ele fala da solidão, a que volta muitas vezes. Esta é a sua resposta a uma correspondente:

*«A senhora exige do seu marido aquilo que ele não lhe pode dar: o absoluto. O absoluto do amor, da felicidade. [...] O finito não pode saciar um desejo infinito. Não há solução no plano conjugal para estes seres. Contudo, seria falso afirmar que eles são inaptos para a felicidade; são simplesmente inaptos para qualquer felicidade que não seja infinita. A paixão pelo absoluto só é incompatível com as felicidades que não são a felicidade de Deus. [...] Portanto, que peçam unicamente a Deus o que só Deus pode dar»*<sup>6</sup>.

O Padre Caffarel diz noutra lugar: «*Não é sem razão que o homem e a mulher pedem um ao outro o infinito. Se um e outro estiverem unidos a Deus, cada um encontrará no outro mais do que um reflexo do amor divino, o próprio amor*»<sup>7</sup>. Este é um ensinamento maravilhoso sobre o matrimónio cristão. Esta é fonte de felicidade para muita gente.

## **III. Um profeta**

*«Profeta para o nosso tempo»*. Assim o designou o Cardeal Jean-Marie Lustiger. Ele queria assim mostrar o papel que o Padre Caffarel desempenhou no desenvolvimento da espiritualidade conjugal na segunda metade do século XX.

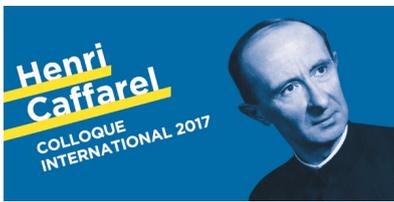
### **1. A fonte do seu profetismo**

O profeta, na Bíblia e na Igreja, não é aquele que anuncia o futuro, mas aquele que discerne, nos acontecimentos e nas pessoas, o que Deus procura fazer emergir na vida dos homens. Os profetas de Deus captam a orientação que Deus quer dar ao seu povo, à Igreja, aos homens deste tempo. Na grande ascensão do laicado cristão da primeira parte do século XX, o Senhor suscita o seu servo Henri Caffarel para iluminar o sacramento do matrimónio e, na continuidade deste, a viuvez. O Padre Caffarel é profeta porque viu e discerniu a vontade de Deus.

Para entender o Padre Caffarel, não devemos abandonar os relatos que ele faz da sua vocação e que procurámos meditar. É a partir desta experiência do encontro de Cristo que o Padre Caffarel reflecte, procura... É através do amor que o Senhor colocou no seu coração que ele olha a vida dos homens e das mulheres do seu tempo. Ressoa nos meus ouvidos a sua exclamação no programa *Radioscopie* de Jacques Chancel (foi a 15 de Março de 1973): «*O amor é a minha substância! O ser que não ama é um morto, é um*

<sup>6</sup> Henri CAFFAREL, *Nas encruzilhadas do amor*, Lucerna – Equipas de Nossa Senhora, Estoril, 2008, p. 24-25

<sup>7</sup> Henri CAFFAREL, *Amour qui es-tu ?* Éd. du Feu Nouveau, 1971, p. 124.



## **Henri Caffarel, prophète pour notre temps**

### **Colloque International – 8 & 9 Décembre 2017**

*cadáver! Porque Deus é amor, porque o homem é amor*». Que força nestas palavras! Fé em Deus, fé no homem. O chamamento de Cristo construiu-o assim. Tudo encontra a sua origem na sua vocação. Ele é profeta do amor.

O Padre Caffarel é amado por Deus e, por sua vez, ama-o, e assim compreende aqueles que se amam. Profeta, discerne, ao serviço dos casais, das viúvas e de todos aqueles que procuram amar, discerne o caminho que Deus traça para eles. Então, aqueles que se amam encontram-se nele, encontram nele um mestre, porque o amor vem de Deus. Esta é a unidade inata da vida do Padre Caffarel. Ele procurava o que Deus queria para quem se confiava ao seu ministério. O caminho de santidade é o amor.

### **2. A expressão do seu profetismo**

Como é que o Padre Caffarel se mostrava como profeta? A resposta é simples: escutava.

Escutava, meditava no que os casais lhe diziam sobre sua experiência concreta. Nada de procura abstracta, mas a escuta da experiência dos casais em que Deus manifesta o seu amor. Essa escuta foi feita à luz das Escrituras, à luz da fé da Igreja. Do mesmo modo, ele ouvia as viúvas que expressavam a sua nova experiência com o Senhor e com os seus maridos.

O Padre Caffarel podia exercer essa escuta. Tinha seguramente qualidades para o fazer. Mas não basta dizer isto. Ele escuta com o amor que o Senhor colocou no seu coração: *«Fiquei a saber que era amado e que amava»*. O Padre Caffarel recebeu essa graça de orientar os casais, as viúvas, os que faziam retiro em Troussures, no caminho da santidade, da santidade do amor. O Padre Caffarel é formado inteiramente nessa procura de santidade. Ele deve tudo isso à sua vocação, a essa vocação que ele próprio nos descreveu.

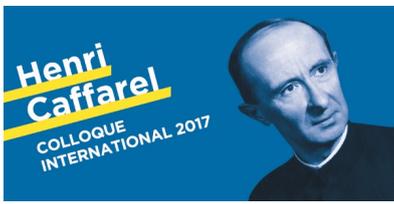
Ele escutava, olhava também. Testemunhas disseram que o Padre Caffarel tinha um olhar que perscrutava as profundezas dos corações. Nada de indiscreto, mas aquela atenção calorosa e respeitosa à pessoa que estava diante dele. Parecia perguntar: Senhor, que queres para ele, para ela? O olhar do Padre Caffarel ainda nos cativa nas fotografias. Ele parece perscrutar-nos e elevar-nos para Deus. Como dizia admiravelmente, no princípio do século V, o bordalês São Paulino de Nola: *«Fiquemos suspensos nos lábios de todos os fiéis, porque em todos os fiéis sopra o Espírito de Deus. Seja onde for, e por mais fraca que ela seja, verei sua respiração»*. Vejo aqui uma magnífica descrição do Padre Caffarel, completamente desperto na fé e atento ao nosso olhar.

### **3. A verdade do seu profetismo**

Este colóquio, na sequência do primeiro, em 2010, mostrar-nos-á a relevância da acção do Padre Caffarel, a verdade da sua missão. Não preciso de insistir. Simplesmente, uma história. Brasília, 2012. Encontro Internacional das Equipas de Nossa Senhora. Estou sentado num autocarro ao lado daquele que viria a ser o Patriarca de Lisboa. Observamos a imensa multidão de equipistas que saía do local das conferências. Ele disse-me: *«A santidade do padre Caffarel está ali, são estes casais!»*. Ele não estava a dizer que todos nós éramos santos! Mostrava a fecundidade do fundador, o poder da sua mensagem, a pertinência da estrutura do Movimento, tal como está expressa na Carta cujo septuagésimo aniversário hoje celebramos. Como o padre Caffarel disse aos equipistas em 1987 em Chantilly: No início, em 1939, *«houve alguma coisa que não era apenas uma boa ideia [...] a Providência e o Espírito Santo ali estavam por alguma razão»*<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Henri CAFFAREL, Conferência aos Responsáveis Regionais Europeus, Chantilly, 3 Maio 1987, Arquivos das Equipas de Nossa Senhora.



## *Henri Caffarel, prophète pour notre temps* *Colloque International – 8 & 9 Décembre 2017*

### **Conclusão**

O Padre Caffarel, homem de fé. A profunda impressão que tive ao preparar esta intervenção e que tenho ao falar-vos é que eu vos falo, é claro, do Padre Caffarel, mas sobretudo de Deus, a personagem principal de tudo. Quando leio os escritos do Padre Caffarel, fico imediatamente diante do mistério de Deus, diante do seu amor. Creio que isso é uma característica da sua santidade.

Para concluir, ponhamo-nos diante de Deus. Permitam-me que vos leia uma oração do Padre Caffarel. Tem por título: «*Agarra-me com as tuas duas mãos*». Com aquela cujo refrão é «*No fundo do meu coração*», faz parte das poucas orações que temos<sup>9</sup>.

Esta oração é muito íntima e profundamente tocante. Em epígrafe, uma palavra de Santo Ireneu de Lyon: «*Essas duas mãos do Pai que são o Filho e o Espírito Santo...*».

Venho até ti, Deus, meu Deus, meu Pai.  
Pai de imensa majestade,  
Pai de infinita ternura,  
    agarra-me com as tuas duas mãos:  
    o teu Filho e o teu Espírito Santo.  
Que o teu Filho me una estreitamente a si  
    e nunca afrouxe o seu abraço.  
Que o teu Espírito Santo me modele  
    à imagem de Jesus Cristo, teu Filho bem-amado,  
infunda em mim a sua ternura filial para contigo  
    e o desejo da tua glória.

Como um pai aqui na terra se inclina,  
    toma o seu filho  
    e levanta-o com os braços estendidos  
Assim, Tu, Pai Santo, agarra-me com as tuas duas mãos,  
    e depõe na minha frente um beijo.

---

<sup>9</sup> Henri CAFFAREL, *Dieu, ce nom le plus trahi*, Editions du Feu Nouveau, 1990, p. 183.